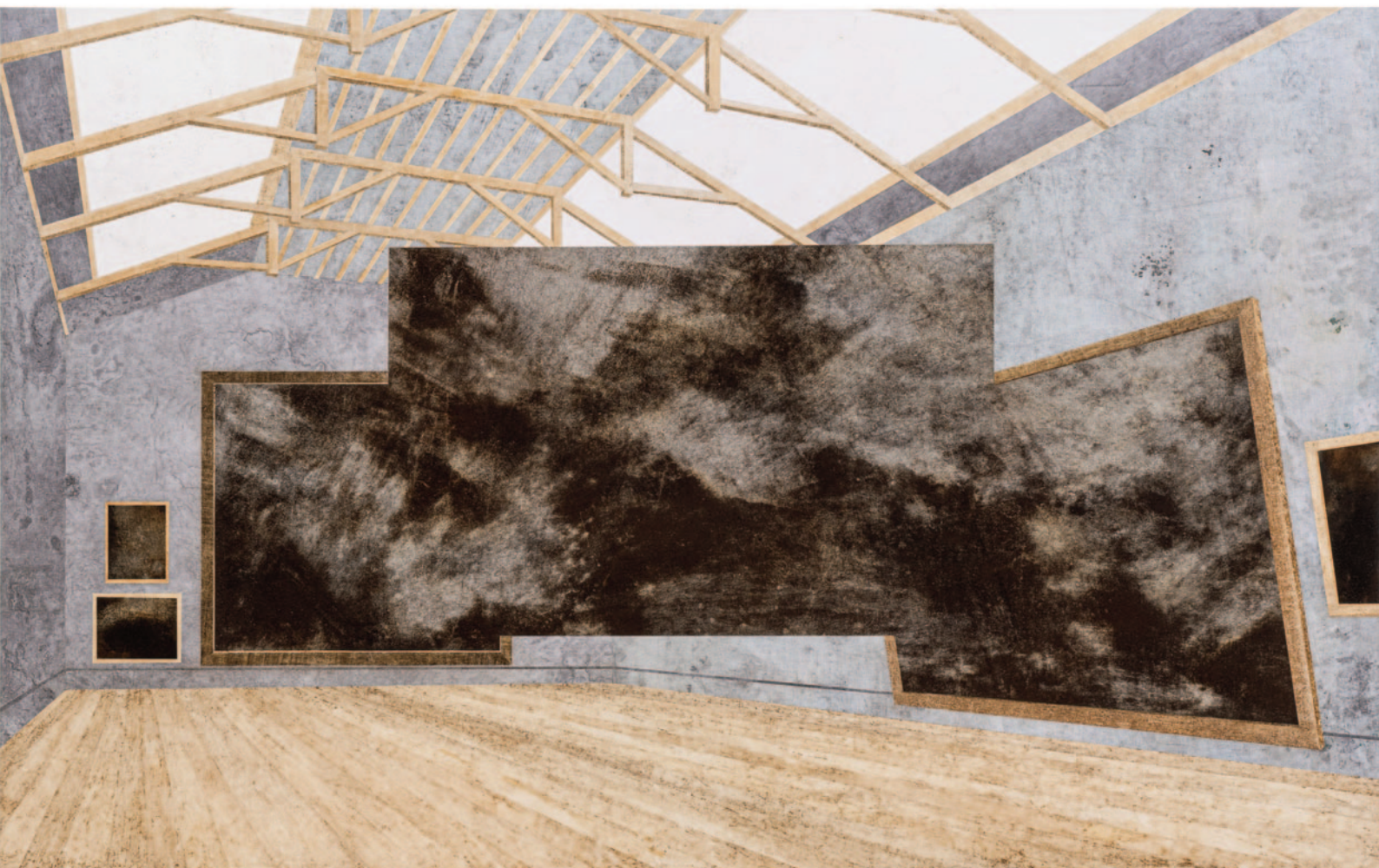


“DANIEL SENISE – OS DOIS LADOS DA JANELA”  
ocupa o Paço Imperial com panorama inédito  
da produção recente do artista



*Exposição reúne 59 obras criadas entre 2000 e 2026 e marca o retorno de Daniel Senise ao Paço Imperial para uma mostra individual, após mais de três décadas*

Depois de 32 anos de sua última individual no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, Daniel Senise retorna ao espaço com “*Os dois lados da janela*”, exposição que apresenta um amplo recorte de sua produção das últimas duas décadas e meia. Com curadoria de Pollyana Quintella, a mostra reúne 59 trabalhos realizados entre 2000 e 2026, incluindo obras inéditas – e ocupa integralmente as salas do primeiro andar do edifício histórico.

A abertura acontece no dia 4 de julho, a partir das 11h, oferecendo ao público a oportunidade de percorrer diferentes momentos da pesquisa de um dos artistas mais importantes da arte contemporânea brasileira. Em vez de seguir uma ordem cronológica ou privilegiar séries específicas, a exposição propõe aproximações entre obras de períodos distintos, revelando permanências, diálogos e transformações na trajetória de Senise.

Segundo a curadora Pollyana Quintella, a organização da mostra evidencia recorrências formais e conceituais que atravessam décadas de produção, o que permite observar deslocamentos e experimentações sem a necessidade de uma narrativa linear. O próprio artista participou intensamente da concepção e da montagem da exposição, contribuindo para estabelecer relações entre trabalhos produzidos em diferentes contextos.

Conhecido internacionalmente pelo uso de monotípias obtidas a partir da impressão de pisos, paredes e outras superfícies arquitetônicas sobre tecido, Daniel Senise

apresenta, no Paço Imperial, uma produção que vai muito além dessa investigação. A mostra inclui pinturas, aquarelas, fotografias e objetos que ampliam o entendimento de sua prática artística e revelam um processo criativo marcado pela constante reinvenção.



*Sem título 01, 2024*

Foto: Flavio Freire

Para o artista, o conjunto instalado no primeiro andar do Paço funciona quase como um grande panorama de sua produção recente. Logo na Antessala Gomes Freire,

o visitante encontra um núcleo que sintetiza os principais caminhos percorridos ao longo dos últimos 25 anos. Estão ali monotípias que remetem às pesquisas que tornaram seu trabalho amplamente reconhecido, ao lado de pinturas inéditas como “J.L.” e “*Lucrecia*”, ambas de 2026. Nesta última, referências históricas e pictóricas convivem com marcas aparentemente aleatórias, produzindo uma imagem que questiona a própria ideia de representação.

Ao longo do percurso, pequenas pinturas produzidas em ateliê – carinhosamente chamadas pelo artista de “*pinturinhas*” – convivem com obras de grandes dimensões e com textos curatoriais apresentados na forma de “*legendas expandidas*”. Esses comentários oferecem ao público novas chaves de leitura para compreender processos, referências e conexões entre os trabalhos.

Entre os destaques está “*Misty Peach Vision Petal*” (2004), um tríptico monumental instalado na Sala

Gomes Freire. A obra nasceu da transferência para a tela da poeira, dos resíduos e das marcas acumuladas no piso do ateliê do artista. Durante esse processo, uma delicada mancha rosada, praticamente invisível na superfície original, revelou-se apenas após a impressão, e tornou-se o elemento que atravessa as três telas e evidencia a capacidade de Senise de transformar vestígios cotidianos em imagens carregadas de memória e presença.

Outro ponto alto da exposição é “*Arranjo em cinza e prata*” (2019), apresentada na Sala Academia dos Seletos. A obra foi construída a partir dos carpetes queimados durante o incêndio que atingiu o Teatro Villa-Lobos, em Copacabana, em 2011. Convidado originalmente para produzir um painel para o teatro antes da tragédia, Senise recolheu fragmentos do revestimento carbonizado e, anos mais tarde, incorporou esse material a uma superfície de alumínio altamente reflexiva. O resultado estabelece um diálogo entre destruição,



*Misty Peach Vision Petal*, 2004



*Arranjo em cinza e prata, 2019*

Foto: Divulgação

permanência e reconstrução, ao mesmo tempo em que envolve o espectador por meio de seu próprio reflexo. Na ampla Sala Mestre Valentim encontra-se *“Vai que nós levamos as partes que te faltam”* (2008), composição com aproximadamente dez metros de extensão, formada por aquarelas que reproduzem, uma a uma, as tábuas do piso do corredor da residência do artista. Vista com atenção, a sequência revela uma espécie de planta baixa doméstica, que indica acessos a

diferentes ambientes da casa e converte um espaço íntimo em cartografia afetiva.

A exposição também dedica atenção especial à série *“Museus e galerias”*, na qual Daniel Senise recria espaços expositivos por meio de suas características monotípias. Obras inspiradas em instituições como o *Museu Nacional de Belas Artes*, o *MAM Rio*, a *Capela Sistina*, a *Cappella degli Scrovegni*, a *Bourse de Com-*

*Museu Nacional de Belas Artes, 2014*

Foto: Pat Kilgore





*Biógrafo XLI*, 2018

Foto: Erika Mayumi

*merce – Pinault Collection* e o *Dia Beacon* transformam referências arquitetônicas em superfícies marcadas por rastros, ausências e sobreposições. Mais do que representar edifícios, essas pinturas refletem sobre a experiência de olhar e sobre a memória inscrita nos próprios espaços dedicados à arte.

Outro núcleo significativo reúne dez trabalhos da série “*Biógrafo*”, produzidos entre 2016 e 2020 e que são apresentados juntos pela primeira vez. Nessas obras, formas retangulares interferem em perspectivas arquitetônicas, salas de museus e campos abstratos, funcionando como obstáculos visuais que ocultam partes da imagem e reorganizam sua leitura. Em vez de impedir a percepção, esses elementos deslocam o olhar do espectador e reforçam a relação entre matéria, memória e construção da imagem.

Na Sala Amarela, duas obras da série “*Exs*” demonstram outra faceta da pesquisa do artista. Criadas a partir de capas de livros de arte, reorganizadas em composições modulares, elas evocam elementos da ar-



*Biógrafo XLVII*, 2018

Foto: Pat Kilgore

quitetura modernista, especialmente os *brise-soleils* difundidos por Le Corbusier e amplamente incorporados ao cenário urbano brasileiro. A repetição geométrica transforma páginas impressas em estruturas semelhantes a fachadas, que aproximam pintura, arquitetura e objeto editorial – e ressignificam a ideia clássica da janela como abertura para o mundo.



*Sem título*, da série *Exs*, 2018

Foto: Divulgação



*A floresta do livre arbítrio, 2016*

Foto: Pat Kilgore

Essa noção de janela, aliás, percorre simbolicamente toda a exposição e inspira seu título. Em vez de representar transparência ou passagem, ela aparece como superfície, limite e espaço de mediação entre aquilo que se revela e aquilo que permanece oculto, sintetizando uma investigação presente há décadas na obra de Daniel Senise.

A identidade visual da mostra reforça esse diálogo entre tradição e contemporaneidade. Desenvolvido pelos designers Débora Filippini e Gustavo Vicentini, o projeto adota o bordô como cor predominante, em referência tanto às tonalidades recorrentes na pro-

dução recente do artista quanto à arquitetura histórica do Paço Imperial. Em contraponto, elementos tipográficos contemporâneos e o uso do cinza-claro criam uma atmosfera que conecta memória, patrimônio e experimentação.

Integrante da chamada *Geração 80*, Daniel Senise consolidou-se como um dos principais nomes da pintura brasileira contemporânea, ao desenvolver uma linguagem singular baseada na incorporação física dos espaços em suas obras. Pisos, paredes, poeira, madeira, metal e outros materiais encontrados deixam de ser simples referências para tornar-se parte constitutiva

das imagens, instaurando um permanente jogo entre presença e ausência, registro e apagamento, permanência e desaparecimento.

Ao longo de sua carreira, o artista participou de importantes bienais internacionais e realizou exposições em instituições de destaque no Brasil e no exterior. Suas obras integram coleções como as do Museu de Arte de São Paulo (MASP), da Pinacoteca de São Paulo, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), do *Stedelijk Museum Amsterdam*, do *Ludwig Museum*, em Colônia, e da *Cisneros Fontanals Art Foundation*, em Miami.

Mais do que uma retrospectiva, *“Os dois lados da janela”* apresenta um artista em constante transformação. Ao reunir pinturas, monotípias, aquarelas, fotografias e objetos produzidos ao longo dos últimos 25 anos, a exposição evidencia a coerência de uma investigação estética que faz da memória, da arquitetura e dos vestígios do tempo matéria viva para pensar a imagem contemporânea.



*Sem título, 2025*

Foto: Tatiana Mito

## SERVIÇO

**“Daniel Senise – Os dois lados da janela”**

Abertura: 4 de julho, a partir das 11h

Até 6 de setembro

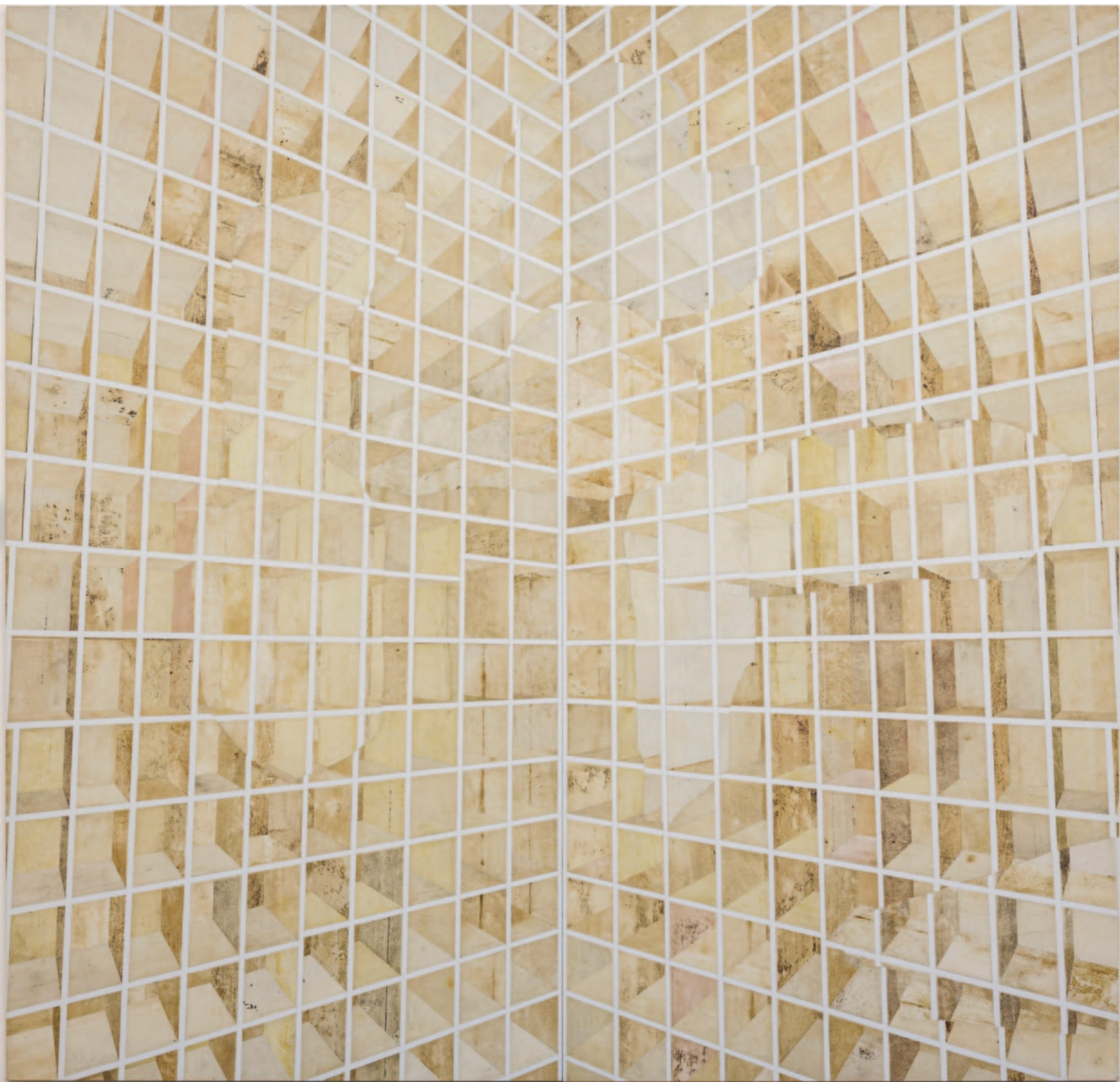
Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial

Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2215-5231 / 2093 | E-mail: [educativo@pacoimperial.com.br](mailto:educativo@pacoimperial.com.br)

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita



*Prodrome V (diptico)*, 2011